

INFLUÊNCIA DA MOTIVAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Irene Jamba Inakulo Moisés ¹

RESUMO

No âmbito dos cursos de Pós- Graduação leccionados no Instituto Superior Politécnico Sol Nascente (ISPSN- Huambo) foi elaborada esta conferência com o propósito de reflectir com os estudantes da Pós Graduação e Docentes da Instituição já referenciada sobre a Influência que exerce a Motivação na Investigação Científica, partindo do pressuposto de que a motivação é o elemento fundamental para o sucesso de qualquer investigação, sendo ela responsável pela intensidade, direcção e persistência dos esforços de uma pessoa para o alcance de uma determinada meta.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento, Motivação e Investigação.

Palavras iniciais:

Excelentíssimo Senhor Prof. Doutor Inácio Valentim, Director Geral do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente (ISPSN- Huambo)

Excelências Prof. Doutores Lucas da Piedade Cassinda e Adelino Sandjombe, Dignos Directores Gerais Adjuntos para as áreas Académica e Científica

Digníssimos professores e estudantes da pós-graduação desta casa do saber.

Gostaria em primeiro lugar, de agradecer pelo convite desafiador que me foi formulado sabendo que, com o mesmo aproveitamos também superar nossas limitações, mas representa sobretudo um desafio pelo facto da Ciência exigir sempre consciência na sua actuação;

Para a reflexão deste tema vamos repartir a nossa apresentação em 3 momentos,

Num primeiro falaremos do conhecimento como a base de todo o processo investigativo.

Seguidamente faremos uma reflexão sobre a motivação como elemento fundamental de toda e qualquer investigação

¹ Doutora em Ciências Pedagógicas pela Universidade Henrique José Verona- Cuba. Docente do Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo (ISCED-HUAMBO) e do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente. (ISPSN- HUAMBO) Angola. ireneinakulo.moises@gmail.com

E por último daremos ênfase a investigação científica que é o único caminho para transformação e desenvolvimento pessoal, social, económico político etc.

1-Conhecimento-

Ao falarmos do conhecimento fizemos recurso à gnosiologia como ciência que estuda o próprio conhecimento, realçar que existem vários conceitos para esta palavra e pode ser polissémica.

No conhecimento, temos dois elementos básicos: o sujeito (cognoscente) e o objecto (cognoscível). O cognoscente é o indivíduo capaz de adquirir conhecimento ou o indivíduo que possui a capacidade de conhecer. O cognoscível é o que se pode conhecer.

Assim, pode-se entender o conhecimento como aquilo que se sabe sobre algo ou sobre alguém. Significa que desde que exista o sujeito e o objecto a ser conhecido, pode-se gerar conhecimento. A informação que cada sujeito tem sobre o objecto é considerada o conhecimento para o mesmo sujeito, que pode ser verdadeiro ou falso.

Na filosofia, o conhecimento pode ser visto sobre duas ou mais vertentes, sendo que, interessa aqui apenas realçar a vertente sensoria e racional:

1- Conhecimento Sensorial: aquele que provém dos sentidos

De acordo com os precursores máximos do empirismo, o homem conhece a partir dos seus sentidos, isto é, o conhecimento começa com as sensibilidades.

O conhecimento tem sua origem na percepção sensorial, o mesmo é considerado como a soma das representações abstractas que se possui sobre um aspecto da realidade. O conhecimento é uma reunião de informações juntas na mente humana.

A psicologia como ciência que estuda o comportamento humano relaciona conhecimento com a aprendizagem, explicando que o conhecimento está associado com a pragmática, isto é, relaciona-se com alguma coisa existente no "mundo real" do qual temos uma experiência directa. Tendo como sua base os seguintes elementos:

SUJETO (cognoscente)

CONTEUDO (cognoscível)

IMAGEM- interpretação do conteúdo em função da história de cada sujeito.

Racional

A definição clássica de conhecimento racional, originada em [Platão](#), diz que este consiste numa crença verdadeira e justificada. Todo o conhecimento vem da razão.

O conhecimento pode ainda ser [apreendido](#) como um processo ou como um produto. Quando nos referimos a uma acumulação de teorias, ideias e conceitos, o conhecimento surge como um produto resultante dessas aprendizagens, mas, como todo produto, é indissociável de um processo. Podemos então olhar o conhecimento como uma actividade intelectual por meio da qual é feita a apreensão de algo exterior à pessoa.

Desde este ponto de vista, se pode argumentar que o sujeito cognoscente apreende o real em função do raciocínio lógico. Assim, estaríamos a considerar o conhecimento como um acto da razão, pelo qual encadeamos ideias e juízos, para se chegar a uma conclusão.

Desta forma o primeiro passo para que possamos nos apropriar do conhecimento verdadeiro é reconhecer nossa própria ignorância. Já dizia um filósofo só sei que nada sei. Ao assumirmos nossas limitações, estaríamos em condições de ir atrás do que nos limita, ou seja já que assumo que só sei que nada sei, para dominar o que não sei. Este processo de busca neste caso é feito por meio da investigação científica. O conhecimento racional gera conhecimento mediante o uso da capacidade de raciocínio.

Para a psicologia da educação e de modo particular, na opinião de Vigostiky, o homem tem três fontes de conhecimento:

- 1ª- A herança biológica – que é o ponto de partida necessário e não suficiente para o desenvolvimento das características humanas.
- 2ª- A experiência individual – que deixa suas marcas na cultura e na história humana.
- 3ª- A experiência humana – herança social pelo qual as gerações passadas transmitem suas experiências, conhecimento, habilidades aptidões e capacidades, ou seja, elementos materiais e intelectuais da cultura

2-A Motivação-

A palavra motivação representa uma razão que mobiliza as pessoas na busca de algo, estando directamente ligada ao comportamento das pessoas por oferecer a energia necessária para praticar a acção e atingir seus objetivos. “A motivação é o processo responsável pela intensidade, direcção e persistência dos esforços de uma pessoa para o alcance de uma determinada meta” (ROBBINS, 2008, p. 132). Chiavenato (2010, p. 121) acredita que “é

difícil definir exatamente o conceito de motivação, uma vez que tem sido utilizado com diferentes sentidos. De modo geral, motivo é tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a um comportamento específico”. O conceito de motivação é abordado também por Santos (2014, p. 122), para ele, “motivo é qualquer coisa que leve uma pessoa a praticar uma ação, sendo assim, podemos dizer que motivar é proporcionar um motivo a uma pessoa, estimulando-a a agir da maneira desejada”. Assim, concluímos que a motivação nos orienta a responder às perguntas de partida: O que investigar? Para que investigar? E como investigar. A motivação está directamente ligada ao comportamento das pessoas.

A partir deste prisma, podemos dizer que é necessário que o académico esteja motivado a investigar para matar sua própria ignorância e assim aprender continuamente.

A motivação influencia no ambiente de qualquer rendimento pessoal e em todas as áreas em que o homem esteja inserido. A motivação é uma força energética que nos leva à acção. Para tal, temos que encontrar um motivo em função das nossas necessidades. Ao identificar e assumir uma necessidade ou uma limitação, teremos o motivo que vai desencadear em nós a motivação para agir.

Voltamos a citar (Sócrates de Platão na *Apologia*) *SÓ SEI QUE NADA SEI*.

Na mesma senda, para tentar fazer jus ao que disse Sócrates, achamos conveniente introduzir aqui o pensamento de Mouly sobre a motivação. Para ele existem três funções importantes dos motivos:

- ✓ Os motivos activam o organismo. Os motivos levam o indivíduo a uma actividade, na tentativa de satisfazer suas necessidades. Qualquer necessidade gera tensão e desequilíbrio. Os motivos mantêm o organismo activo até que a necessidade seja satisfeita e que a tensão desapareça.

Os motivos dirigem o comportamento para um objectivo. Diante de uma necessidade, vários objectivos se apresentam como capazes de satisfazê-la e de restabelecer o equilíbrio. Os motivos dirigem o comportamento do indivíduo para o objectivo mais adequado para satisfazer a necessidade. Não basta que o organismo esteja activo, é preciso que sua acção se dirija para um objectivo adequado. Assim, no processo de investigação, não é suficiente que participemos de várias actividades dispersas sem sentido, mas, sim, que essas actividades sejam orientadas para objectivos específicos que satisfaçam necessidades individuais.

- ✓ Os motivos seleccionam e acentuam a resposta correcta. As respostas que conduzem à satisfação das necessidades serão aprendidas, mantidas e provavelmente repetidas

quando uma situação semelhante se apresentar novamente. Nossas necessidades são numerosas, especialmente as psicológicas e, muitas delas continuam sempre insatisfeitas.

Abram Maslow, um dos percussores da teoria humanista, acreditava que o comportamento humano pode ser motivado pela satisfação de necessidades biológicas.

Maslow esquematizou uma hierarquia de sete conjuntos (resumidos em cinco) de motivos-necessidades:

Pirâmide de Maslow



As necessidades fisiológicas mais importantes são: oxigênio, líquidos, alimentos, descanso (sobrevivência). A satisfação das necessidades fisiológicas é uma condição indispensável para a manifestação e satisfação das necessidades de ordem superior.

A necessidade de auto - realização expressa nossa tendência a transformar em realidade o que somos potencialmente; a realizar nossos planos e sonhos; a alcançar nossos objectivos. Uma pessoa adulta que se sente bem no casamento ou em sua vida solteira, que gosta da profissão que exerce, que participa socialmente, etc., pode considerar-se satisfeita em relação a essa necessidade. A satisfação da necessidade de realização é sempre parcial na medida em que sempre temos projectos inacabados, sonhos a realizar e objectivos a alcançar.

Na busca da auto-realização passa-se necessariamente pela necessidade de conhecimento e compreensão, de exploração e do desejo de conhecer novas coisas. Essa talvez deva ser a necessidade específica a ser atendida pela actividade académica. Essa necessidade é mais forte em uns do que em outros e sua satisfação provém de análises, sistematizações de informações, pesquisas, etc.

Nesta perspectiva valoriza-se a inteligência na investigação científica e em função disso, os contrutivistas (Jean Piaget, Vigotsky e Corral) afirmam que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas acções mútuas entre os indivíduos e o meio.

Nesse sentido, o académico deve ser criativo e constructor activo do seu próprio conhecimento. O académico não se acomoda, tenta adaptar-se ao meio em constante desenvolvimento, promovendo mudança cognitiva, pondo de parte conceitos dogmáticos.

3-Investigação Científica-

A ciência considera que para alcançar o conhecimento é necessário seguir um método. O conhecimento científico não deve ser válido e consistente apenas desde os pontos de vista sensorial e lógico, como também deve ser provado através do método científico e experimental. A investigação científica é sistemática e é feita em duas etapas: a pesquisa básica (fundamentação teórica) durante a qual se avança na teoria e a pesquisa aplicada (fundamentação prática) durante a qual se aplica a informação.

A investigação científica nesse caso seria a busca de uma informação – conhecimento por intermédio dos métodos científicos.

Como dissemos anteriormente, a motivação é antecedida por uma necessidade, o mesmo ocorre com a investigação, necessita-se de um motivo para que haja investigação, o motivo neste caso vai manifestar-se em forma de um problema na realidade objectiva.

A investigação científica também pode ser elaborada a partir de consultas bibliográficas desde que se demonstre a existência concreta do problema na realidade objectiva que se investiga.

Devendo referir os seguintes aspectos:

- Historicidade do problema. Avaliação do comportamento histórico - lógico, a partir da revisão da literatura.
- Teorias ou concepções teóricas que se tomam como base.
- Actualidade do problema. Por que se investiga, novidade do mesmo, quer dizer, o valor actual que significa a sua investigação.
- Importância social do problema. Contribuições que permitam melhorar a prática e enriquecer a teoria, no campo de acção de que se trate.

O investigador não pode estudar simultaneamente todo o sistema problemático como uma totalidade, por razões de recursos, de pessoal, de tempo, etc. Para além disso, por razões lógico – metodológicas require-se determinar em que parte deste vai influir a síntese integral de seus resultados; disto se infere que o trabalho científico exige definir o tema de investigação, a denominação daqueles aspectos da situação problemática, considerados necessários investigar.

A investigação científica tem a intenção de aumentar os horizontes das teorias que explicam os eventos do mundo. Ela serve para contrapor ou melhorar uma teoria já existente, para acrescentar informações, integrar dados, corrigir resultados ou expandir os grupos de estudo.

Para concluir:

Conhecimento está associado com pragmática, isto é, relaciona-se com alguma coisa existente no "mundo real" do qual temos uma experiência directa.

Para Platão, o nível mais alto do conhecimento possível de conceber é a ideia do Bem (República: 505 a). Platão faz uma analogia entre o sol, que ilumina os objetos e o Bem, que só pode conceber por causa da luz da verdade. Segundo ele, da mesma forma que a vista só possui capacidade de ver por causa da luz solar, a alma só possui a capacidade de compreender aquilo que é iluminado pela luz da ideia do Bem.

Assim reafirmamos que o primeiro passo para que possamos obter conhecimento verdadeiro é reconhecer a nossa própria ignorância.

É necessário que o académico esteja motivado a investigar para matar sua própria ignorância e assim aprender continuamente, esta motivação vai permitir activação do organismo. Vai direccionar o comportamento do indivíduo para um objectivo e ainda vai impulsionar na selecção e acentuação da resposta correcta.

Tudo isso influencia na investigação científica que tem como foco a transformação da realidade objectiva.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L.S.; Freire, T. (2003). *Metodologia de investigação em psicologia e educação* (3ª ed.). Braga: Psiquilíbrios. Bibliografia.
- Altet, M. (1999). *As pedagogias da aprendizagem*. Horizontes Pedagógica.
- Carrar, K. et., al. (2004). *Introdução à Psicologia da Educação, Seis Abordagens*. São Paulo: Avercampo.
- Freire, P.(1967). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e
- García, C. M. (1999). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto Editora.
- Gil, V. (2004). *Alunos em situações de insucesso escolar*. Horizontes Pedagógica
- Menezes, M. A. (2010). *Reflexões sobre educação*. Mayamba Editores: Luanda
- Piletti, N. (2003). *Psicologia Educacional*. São Paulo- SP, Editora Atica.
- Rojas S. (2004). *El Proceso de Investigación Científica*. México: Editorial Trillas.

Schmidt, M. A. (2004). *A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula*. (9ª.ed). São Paulo: Contexto.

Veigas, F. H. (2013). *Psicologia da educação: Teoria, investigação e aplicação/envolvimento dos alunos na escola*. Climepsi Editores.

Zayas, R, M, (1997). *Hacia un currículo integral y Contextualizado*. Editorial Académica. La Havana. Cuba